

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA – PATRIOTA E EXILADO, PORTA-VOZ DOS DIREITOS DO CIDADÃO

REGINA ZILBERMAN*
HENRIQUE MACHEMER**

RESUMO

José da Natividade Saldanha (1796-1830), poeta afrodescendente, participou dos movimentos revolucionários pernambucanos de 1817 e 1824. Sua atuação política levou-o ao exílio, primeiramente na Europa, depois, simpatizante de Simon Bolívar, na Grã-Colômbia. Seus poemas expressam aversão à tirania e valorizam a igualdade, bem como o sentimento nacionalista de quem está distante da pátria. Sua obra é admirada por artistas como João Cabral de Melo, mas ainda não é suficientemente reconhecida pela historiografia da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Natividade Saldanha; igualdade; patriotismo; liberdade.

Vem, minha lira, vem carpir os males
De um triste, que suspira desterrado.
Natividade Saldanha (1822, p. 127)

POETA PERNAMBUCANO

A escola das facas, livro de poemas que João Cabral de Melo Neto produziu entre 1975 e 1980, é uma obra dedicada a Pernambuco, estado natal do escritor. Não por outra razão ele conclui a coletânea com os versos de “Autocrítica”:

* Doutorado em Romanística, Universidade de Heidelberg, Alemanha; Professora Associada III, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil; e-mail: regina.zilberman@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0834-214X>.

** Graduando em Letras, Instituto de Letras; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e-mail: machemerhenriquecontato@gmail.com. Orcid: 0009-0004-9382-9113.

Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.
(MELO NETO, 2020, p. 539)

No livro, evocam-se pessoas do passado pernambucano, escritores contemporâneos, as paisagens diversas da região, a infância do artista. Dentre aquelas figuras históricas, uma interessa particularmente: José da Natividade Saldanha, matéria de “Um poeta pernambucano”, poema formado por quatro partes, tratando, cada uma delas, de uma fase da vida daquele autor.

A primeira parte, com duas estrofes de quatro versos cada, refere-se à procedência de Saldanha – “filho de padre / e mulato quase negro” – e de seus versos, já que ele foi o primeiro que “mostrou / que um poema se podia / sobre o ponche de caju, / sobre o galo-de-campina” (MELO NETO, 2020, p. 530). Com efeito, em *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*, livro que publicou em Portugal em 1822, Saldanha celebra a ave também conhecida como cardeal-do-nordeste, vale dizer, um animal profundamente ligado à região de onde o autor provinha. Em quatro estrofes, duas com seis versos, e duas com dois, ele descreve o pássaro, declarando na última frase do poema: “Ave tão bela / Não viu ninguém” (SALDANHA, 1822, p. 107). Em “O ponche de caju”, o eu lírico insere a bebida regional em contexto neoclássico, para celebrar o prazer que ela gera, acrescentado por consumi-la ao lado da amada, conforme uma mescla de certo modo antropofágica, ao assimilar a poética que compartilha ao ambiente erótico experimentado:

Anália, eu só quero
O ponche agridoce,
Contigo beber.
(SALDANHA, 1822, p. 111)

Depois de afiançar os vínculos do então distante Natividade Saldanha à terra natal, unindo-o ao João Cabral identificado com Pernambuco, o sujeito da enunciação destaca episódios da conturbada existência do “filho de padre / e mulato quase negro”: por estar “léguas à frente do então”, teve de fugir do Brasil “antes de que o império / lhe desse decoração” (MELO NETO, 2020, p. 531): era republicano, foi secretário do governo revolucionário, por ocasião da Confederação do Equador, movimento desencadeado em Recife em 1824, ação que provavelmente o levaria à força, após a queda dos rebeldes. Na terceira parte do poema, Cabral lembra que também a “Europa decrépita” não satisfaz o insubmisso letrado, com suas “beatas e santa aliança”, razão por que “veio a Bolívar, na América”. Mas a saudade consome o escritor, que, alcoolista talvez, acaba por morrer na Colômbia: “foi-se no enxurro de um esgoto” (MELO NETO, 2020, p. 531).

O resumo biográfico proposto pelo poema de Melo Neto sugere ter sido conturbada a existência de José da Natividade Saldanha, que, nascido em 8 de setembro de 1796, faleceu em 1830, com 34 anos. Mesmo assim, o relato é incompleto, pois sua índole revolucionária já se manifesta em 1817, quando se engaja no movimento liberal desencadeado em Pernambuco (CHACON, 1983, p. 17).

O fracasso do movimento de 1817 leva-o a procurar abrigo em Portugal, inscrevendo-se como acadêmico de Direito na Universidade de Coimbra, local em que publicou seu livro de poemas. Retornou ao Brasil, agora separado de Portugal, em 1823. Diante do golpe da Constituição de 1824, outorgada arbitrariamente por Pedro I, após a dissolução da Constituinte, Pernambuco novamente se insurge. Saldanha integra-se ao governo rebelde na qualidade de seu Secretário, mas o movimento é vencido pelas tropas fiéis ao império. É condenado à prisão perpétua, mas, desta vez, está longe de Pernambuco, exilado em Caracas, de onde rumo para os Estados Unidos, onde esperava receber acolhida amistosa. É, no entanto, rejeitado por ser negro e obrigado a hospedar-se em pensões baratas, sem ser recebido pelos políticos que tinha em vista. Parte de navio para a França, mas é logo identificado como indesejável pela polícia local.

Alberto Rangel narra os episódios que cercam a curta estada de Saldanha na França: tendo aportado em Calais em janeiro de 1825, é delatado por um companheiro de viagem, tornando-se objeto de processo policial e imediato banimento (RANGEL, 1926). Vamireh Chacon relata a interferência dos representantes diplomáticos brasileiros junto à polícia francesa, que denunciam o perigo que poderia configurar a presença de um adversário do governo brasileiro no Exterior (CHACON, 1983). Em virtude desses esforços, o poeta é expulso do país no começo de fevereiro de 1825, rumando na direção da Inglaterra, onde passa a residir por um tempo em deploráveis condições financeiras.

É também na França que os pertences de Saldanha são objeto de ato de apreensão por parte da polícia, facultando identificar as obras que o escritor então preparava e que se perderam, entre as quais consta uma tragédia dedicada a Ataulpa, imperador inca à época da conquista espanhola, e uma epopeia, a *Joaneida*, sobre João Fernandes Vieira, um dos heróis da luta dos pernambucanos contra os invasores holandeses, poema que provavelmente completaria o ciclo relativo aos protagonistas daquele movimento do século XVII.

Da Inglaterra, Natividade Saldanha dirige-se à Grã-Colômbia, instalando-se em Bogotá, onde participa de algumas polêmicas e entra em conflito com sacerdotes locais (CHACON, 1983), o que o impede de exercer o ofício de advogado. Experimenta uma vida de pobreza, ostracismo e abandono, o que talvez o tenha levado ao alcoolismo e à morte prematura. Vamireh Chacon reproduz a versão da polícia dada à morte de Natividade Saldanha, nunca suficientemente esclarecida: “Amanheceu morto na vala da Rua de São Miguel o senhor José de Assunción Saldana [sic], natural e proscrito do Brasil e muito versado em Literatura” (CHACON, 1983, p. 34).

Poeta de existência pouco afortunada, seus versos alcançaram pronto reconhecimento por parte dos primeiros historiadores da literatura brasileira. Januário da Cunha Barbosa, responsável pela primeira coletânea de poemas originários de autores e autoras nascidos no Brasil,

inclui no *Parnaso Brasileiro*, publicado entre 1829 e 1831, as quatro odes pindáricas dedicadas aos heróis de Guararapes: André Vidal de Negreiros, Antônio Felipe Camarão, Henrique Dias e Francisco Rebelo, conjunto que provavelmente seria complementado com os versos épicos consagrados a Fernandes Vieira (BARBOSA, 1829-1831).

Joaquim Norberto de Sousa Silva, no “Bosquejo da história da poesia brasileira”, que precede as *Modulações poéticas*, de 1841, apresenta dados mais completos. Informa inicialmente que o autor, originário de Pernambuco e nascido em 8 de setembro de 1796, publicou o livro *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*, em Coimbra, no ano de 1822. Depois manifesta seu entusiasmo: “Ardido como Píndaro, patriótico como Écouchard Lebrun, majestoso como Dinis, abalançou-se à elevada e pomposa poesia pindárica e emparelhou com Píndaro na ardidez, com Ecouchard Lebrun no patriotismo, com Dinis na majestade e pompa da versificação, e deixou-nos quatro belas odes pindáricas.” (SILVA, 1998, p. 129).

Comentando as odes, as que Januário já destacara e que passarão a responder pela obra de Saldanha, mantém o tom elogioso diante dos resultados alcançados:

A primeira dirigida a Vidal de Negreiros, brasileiro ilustre e laureado pela vitória em algumas batalhas, parece ter sido o primeiro vôo do poeta, mas nem por isso lhe falta a energia nos versos, a nobreza nos pensamentos e essa *bela desordem*, que requer semelhante casta de poesia. Na segunda ao grande Camarão, tomando asas de águia, mais e mais se remonta. Na terceira a Henrique Dias é ainda mais pindárico, seus pensamentos são nobres e seu estro incendia-se com furor. Na quarta tudo cresce; as ações do imortal Rebelinho inflamam a mente do Píndaro brasileiro, que com ele se arroja ao meio dos pelejadores; - o somido das armas, - o sibilar das balas, - os gritos dos guerreiros, - os trovões da guerra lhe retinem nos versos! Ele segue passo a passo ao herói pernambucano até sua última ação, até o derradeiro instante do mártir da pátria, que morre honrada morte pugnando pela sua causa! (SILVA, 1998, p. 129, grifo no original)

Valoriza igualmente os sonetos, as odes horacianas e anacreônticas, os ditirambos e as cantatas, porque “encerram grande cópia de elegâncias e belezas poéticas”. A seguir retorna às informações biográficas – “tomou este nosso autor mui ativa parte na Revolução Pernambucana de 1824 como Secretário do Governo da República do Equador; daí a necessidade de emigrar para um dos estados da União Americana a fim de subtrair-se à sorte de Ratcliff, Metrowich e Loureiro, e ei-lo aí da popa do *Tweed*” (SILVA, 1998, p. 129) – para concluir reproduzindo um soneto então inédito (incluído postumamente no volume de *Poesias*), em que, exilado, se despede da pátria:

Segunda vez te deixo, ó pátria amada,
Lutando braço a braço co'a desgraça;
Um momento que foge, outro que passa,
Grava mais tua sorte amargurada!
Povo inconstante, que assemelha ao nada,
À luz do brilho teu, ofusca, embaça
E a dura sorte, só contigo escassa,
Das mãos te rouba a vingadora espada!
O teu sangue correndo em dura guerra,
Levantaste o cutelo refulgente,
Porém cedeste, baqueando em terra!...
E esse, que amor teu no peito ingente
E terno e meigo e docemente encerra,
Vai teus males carpir eternamente...
(SILVA, 1998, p. 130)

João Manuel Pereira da Silva, em “Uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira”, de 1843, com que abre seu *Parnaso Brasileiro*, é menos enfático e mais econômico, ao se limitar à inclusão das quatro odes pindáricas conhecidas desde a coletânea de Januário da Cunha Barbosa e comentar, em nota de rodapé da última parte do ensaio, que o autor fazia parte de “uma plêiade de brilhantes talentos” (PEREIRA DA SILVA, 1998, p. 179).

Em outro ensaio, “Introdução sobre a literatura nacional”, precedendo agora o *Mosaico poético*, de 1844, elaborado em parceria com Emílio Adet, Joaquim Norberto reproduz palavras de 1841, contudo, de modo mais sintético:

José da Natividade Saldanha, que emparelha com Píndaro na ardidez, com Dinis na majestade e pompa da versificação, deixa-nos belas odes, sonetos, ditirambos e cantatas que encerram grande cópia de belezas poéticas. (SILVA, 1998, p. 205)

Depois de Joaquim Norberto, apenas o Cônego Fernandes Pinheiro, no *Meandro poético*, de 1864, é generoso com Natividade Saldanha, quando apresenta sua notícia biográfica, concluída com rápida avaliação de suas qualidades artísticas: “Foi Natividade Saldanha grande poeta lírico, deixando à posteridade uma preciosa coleção de odes consagradas aos heróis pernambucanos do século XVII, devidamente apreciadas pelos doutos.” (PINHEIRO, 1998, p. 339).

Antes dele, Francisco Adolfo de Varnhagen, no “Ensaio histórico sobre as letras no Brasil”, que antecede o *Florilégio da poesia brasileira*, de 1850, expressou, em poucas linhas, severas restrições. Chama a atenção para a “vida atribulada” do poeta e o tema de seu poemas, em que canta “os principais heróis que dirigiram a restauração da sua Província contra o jugo holandês”. Mas não o valoriza por esse fato, condenando-o por ter acompanhado “as odes pindáricas de Dinis [da Cruz e Silva], que já demasiado se parecem umas às outras.” (VARNHAGEN, 1998, p. 262). O teor dos comentários sugere que Varnhagem conheceu apenas o que foi reproduzido nos *Parnasos*, mas parece ter sido suficiente para rejeitar seus versos.

Na *História da literatura brasileira*, Silvio Romero é mais generoso, destinando-lhe cerca de cinco páginas de sua monumental pesquisa. Inicia por lembrar a identidade étnica do autor: “era um acentuado mestiço de sangue branco e negro” (ROMERO, 1902, v. 1, p. 285). Depois repete anotações provavelmente extraídas dos historiadores da literatura, a

começar por Varnhagen: observa que “viveu vida atribulada, morreu moço no exílio, não tendo tempo e lazeres para avigorar o seu talento.” Mas não ficou só nisso, anotando: “nele as notas principais eram a lírica e a patriótica. A primeira aparecia, porém, de longe em longe, e ofuscada por preocupações melancólicas.” Porém, outra vez, explica os poemas pelo temperamento derivado de sua condição: “Nestes poucos momentos ele deixava entrever o arrebatamento, a turbulência sensualista do mestiço” (ROMERO, 1902, v. 1, p. 285).

Ainda que com ressalvas, Romero valoriza a obra de Natividade Saldanha:

Este poeta era homem de talento e de coração; era um resto daqueles espíritos ativos que tivemos e que nos prepararam a emancipação política. Em Portugal, como estudante de 1819 a 23, em vez de ocupar-se em seus cantos dos rebotalhados assuntos da poesia reinol, decantou as velhas glórias da história pernambucana. (ROMERO, 1902, v. 1, p. 287-288)

Conclui então que “por este lado ele é singular em seu tempo e merece um posto especial na litteratura.” Mais adiante complementa: “Para tudo dizer sem rodeios, Saldanha tinha uma grande inteligência, cheia de entusiasmos pela pátria e repleta de desalentos por sua posição e por sua origem; era quase negro e filho de um padre. Os preconceitos de seu tempo fizeram-no sofrer por isso e por suas ideias liberais.” (ROMERO, 1902, v. I, p. 288).

José Veríssimo é menos generoso: ainda que não se refira à condição afro-brasileira de Saldanha, emite juízos duros a respeito da poética do escritor:

Natividade Saldanha, com a falsa eloquência que de bom grado confundimos com poesia, celebra os feitos e vultos patrícios com reminiscência, epítetos, figuras e apelidos clássicos e pagão.
[...] À imitação do seu Horácio, que sabem talvez de cor, mas cujo íntimo sentimento mal alcançam, e de cujo talento andam afastadíssimos, e seguindo velhos hábitos arraigados dos poetas portugueses, são-lhes

motivos de inspiração fatos e datas de pessoas gradas, a cuja benevolência armam com lisonjas metrificadas, elogios poéticos, epitalâmios por casamentos, nascimentos e quejandos. (VERISSIMO, 1963, p. 124)

Ronald de Carvalho também não aprecia a obra de Saldanha, observando, de modo mais genérico:

De Natividade Saldanha, Vilella Barbosa, e outros que tais, nada se poderá dizer, senão que foram bons versejadores, cujas obras, infelizmente, não chegaram a aumentar, nem mesmo a auxiliar o desenvolvimento da poesia brasileira. As odes de Natividade Saldanha não são inferiores aos *Garimpeiros* de Cunha Barbosa, nem a poesia deste é superior à dos demais aborrecidos parnasófilos que aqui versejaram, com regular abundância, no princípio do século XIX. (CARVALHO, 1984, p. 167)

Entre os subsequentes historiadores da literatura, Natividade Saldanha não contou com qualquer simpatia. Nelson Werneck Sodré afirma que sua poesia “carece de qualquer mérito” (SODRÉ, 1964, p. 132), Antonio Candido, na *Formação da literatura brasileira*, o considera o “paradigma de aluno literário, aplicado na cópia fascinada e meticulosa de modelos fornecidos pela grande geração arcádica” (CANDIDO, 1964, V. 1, p. 280), enquanto Alfredo Bosi julga-o um poeta de “escasso valor” (BOSI, 1994, p. 83). José Guilherme Merquior concede-lhe algumas linhas em *De Anchieta a Euclides*, mas não é mais condescendente no que se refere aos versos de Saldanha, condenando sobretudo as estrofes selecionadas pelos compiladores do século XIX:

Descendentes dessorados do arcadismo de Cláudio, Garção e Bocage são os sonetos do pernambucano José da Natividade Saldanha (1795-1832), membro da junta executiva da Confederação do Equador (1824), fugido para a Colômbia após o seu esmagamento pelas forças imperiais. Embora medíocres, esses sonetos são bem melhores do que as suas odes cívicas sobre os heróis da guerra contra os holandeses, patrióticas, mas insípidas. (MERQUIOR, 1979, p. 44)

Luciana S. Picchio reconhece o papel político relevante de Saldanha, destacando sua posição ideológica progressista, mas não perdoa a propensão arcádica dos poemas:

Outros intelectuais, contudo, estavam destinados a continuar a sua obra de afirmação nacionalista: dos postos avançados da economia liberal, como José da Silva Lisboa ou Azeredo Coutinho, do púlpito, como Mont’Alverne, das fileiras das novas carreiras científicas como Alexandre Rodrigues Ferreira, Conceição Veloso e José Bonifácio, ou ainda das trincheiras da literatura, como Natividade Saldanha. Todos, porém, mais adiantados ideológica do que poeticamente: ainda presos, no estilo, a “regras”, sentidas como limite intransponível de forma expressiva. Assim é que Natividade Saldanha (1795-1830), embora participando da revolta pernambucana de 1824, exilado para os Estados Unidos, expulso como subversivo da França, nada mais é, em poesia, que um imitador de Cláudio Manuel da Costa, de Garção, de Bocage, de Dinis e de Filinto Elísio. (PICCHIO, 1997, p. 162)

O Antonio Candido de *Literatura e sociedade* parece, por outro lado, fazer algum tipo de concessão, considerando que, em sua obra, se reconhece o que “da poesia anterior ao Romantismo”, é o que “tem de aproveitável” (CANDIDO, 1965, 127). E complementa: “É um árcaico metuculoso, nas obras líricas e nas patrióticas, mostrando que o civismo incrementava e consolidava a diretriz neoclássica, em virtude do apelo constante aos modelos romanos.” (CANDIDO, 1965, p. 127).

A anotação de Candido é sugestiva, ao indicar o Romantismo como o traço de corte da poesia brasileira. O que vem antes – considerado sobretudo o que aparece entre as décadas finais do século XVIII e as primeiras do século XIX, vale dizer, o que aparentemente excede o período arcádico – tem pouca relevância, principalmente porque se pauta por uma poética neoclássica, avessa aos princípios que, mais adiante, direcionam as gerações de letrados do Brasil independente.

Formado no contexto dos valores arcádicos, que perduraram em língua portuguesa ao longo das décadas iniciais do século XIX, Saldanha

é condenado por sua fidelidade à poética vigente a seu tempo. Assim, o autor, que sofrera perseguições políticas por lutar pela emancipação brasileira antes de 1822 e, depois, por romper com o despotismo de Pedro I, experimentara o desterro do Brasil, o racismo dos norte-americanos, o banimento da França e a intolerância religiosa na Colômbia, é criminalizado por não transferir para seus versos a recusa das regras neoclássicas que seus contemporâneos adotaram.

Contudo, o teor revolucionário aparece em sua matéria verbal, seja nos poucos poemas que os primeiros historiadores da literatura recolheram, seja nas ideias que esses e muitos outros transmitem.

EM NOME DOS DIREITOS DE CIDADANIA

O poética arcádica, adotada sobretudo nas regiões meridionais da Europa ocidental, garantiu aos artistas e intelectuais a apropriação de uma perspectiva contrária ao fanatismo religioso imposto pela Contrarreforma e, sobretudo, pela Inquisição. Os românticos condenaram o paganismo do período, mas as alusões ao politeísmo da Antiguidade e à natureza pastoril, importadas do passado, garantiam legitimidade a princípios estabelecidos desde o Renascimento, portanto, protegiam, até as primeiras décadas do século XIX, os escritores perante os tribunais do Santo Ofício, que se mantinham ativos até então.

Do ponto de vista cronológico, o Arcadismo foi contemporâneo ao movimento iluminista, que advogou a causa da Razão e do experimentalismo científico, em detrimento dos dogmas abonados pelas crenças religiosas. Foi também a época das manifestações em prol dos direitos humanos e da igualdade entre as pessoas, que, em termos políticos, fomentaram as revoluções na América do Norte (1776), França (1789) e Haiti (1791). Ainda que, em alguns casos, essas revoluções não tenham cumprido as promessas que suas declarações continham (o escravismo persistiu nas emancipadas Treze Colônias norte-americanas, a França vivenciou a ascensão do despotismo napoleônico, ainda que o autoproclamado imperador tenha sido interpretado como herói em sua

época) ou promovido reações reacionárias e regressivas, como ocorreu aos rebeldes haitianos (HUNT, 2009), elas suscitaram um imaginário inovador que repercute na cultura e na arte.

Natividade Saldanha, militante do movimento de 1817 no Pernambuco, membro do governo que administrou o pouco tempo que durou a Confederação do Equador, admirador de Simon Bolívar, foi um desses letrados que aderiu aos novos ideais, valendo-se de sua poesia, produzida em moldes arcádicos – vale dizer, antibarroco, logo, avesso à religiosidade própria a essa poética.

Conhecido sobretudo pelos tributos dirigidos aos heróis das lutas contra os holandeses, Saldanha dedica um dos primeiros sonetos do livro de 1822 “À mocidade pernambucana, que se alistou em o ano de 1817”:

Filhos da patria, jovens brasileiros,
Que as bandeiras seguís do Márcio nume,
Lembrem-vos Guararapes, e esse cume,
Onde brilharam Dias e Negreiros.
Lembrem-vos esses golpes tão certos,
Que às mais cultas nações deram ciúme;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da pátria, jovens brasileiros.

.....
Ao fiel cidadão prospera a sorte:
Sejam iguais aos seus feitos os vossos
Imitai vossos pais até na morte.
(SALDANHA, 1822, p. 12)

O soneto convoca os moços de Pernambuco a reproduzir os atos dos heróis de Guararapes, o que explica a importância dessas figuras em seu universo simbólico. Qualifica os rapazes com quem dialoga de “filhos da pátria” e “jovens brasileiros” nos versos que abrem o primeiro quarteto e fecham o segundo. A ênfase não é gratuita: referir-se à pátria quando o Brasil era parte do reino lusitano e considerá-los “brasileiros” significava tomar posição contrária ao imperialismo português, valorizando a

emancipação e a autonomia. O eu lírico considera-os também “cidadãos”, termo popularizado a partir da declaração dos direitos na França revolucionária de 1789. A esse universo político se associa o poeta, enquadrando a ação de 1817 não apenas à história local, mas também ao processo de reconhecimento da igualdade e a liberdade proclamadas naquele documento.

As quatro odes pindáricas pertencem ao conjunto de poemas em que os heróis de Guararapes são glorificados. A primeira é dedicada a André Vidal de Negreiros, que considera o Restaurador de Pernambuco, iniciada em primeira pessoa: “Eu [...] semeio nas campinas da Memória”, garantindo a legitimidade de seu fazer poético. Por isso, pode propor “canções credoras de perpétua glória.” (SALDANHA, 1822, p. 45).

Mais adiante, reitera seu papel enquanto guardião da memória, impedindo o esquecimento que pode ofuscar as proezas dos heróis pernambucanos:

Levemos dos heróis pernambucanos
A rutilante glória
Ao tempo sacrossanto da memória:
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos varões famosos,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregarão seu nome à eternidade.
(SALDANHA, 1822, p. 48)

A ode que sucede à celebração de Negreiros é dedicada a Antonio Felipe Camarão, também considerado “natural de Pernambuco” e “seu Restaurador em 1653”. O poeta enaltece o “índio famoso, ilustre brasileiro / Negro Aquilão fremente” (SALDANHA, 1822, p. 55), concluindo os versos com a seguinte estrofe:

Brasílio Camarão, índio Mavorte,
Recebe com prazer esta capela,
Que te consagra o vate;
Com ela adorna a frente;

E da Fama loquaz no excelso templo
Aos futuros heróis dá nome exemplo.
(SALDANHA, 1822, p. 59)

Se, na homenagem a Camarão, Saldanha não esquece sua pertença à etnia indígena – o que o alinha aos épicos Basílio da Gama e Santa Rita Durão –, na ode a Henrique Dias lembra a “áltiva frente do Africano” (SALDANHA, 1822, p. 63), igualmente comparado aos heróis da Antiguidade. Os paradigmas de Saldanha são oferecidos por sua leitura dos clássicos, o que lhe permite estabelecer um cotejo entre as personagens de Homero ou de Camões às figuras históricas pernambucanas. Por isso, conclui a terceira ode com notável entusiasmo patriótico:

Musa!... porém já basta, descansemos
Um pouco a lira d’ouro;
E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto povo brasileiro
Também se criam peitos mais que humanos
Que não invejam gregos, nem romanos.
(SALDANHA, 1822, p. 65)

Não surpreende a recepção calorosa dada às odes pindáricas por contemporâneos brasileiros de Saldanha, como Januário da Cunha Barbosa ou Joaquim Norberto. Não se pode saber quantos teriam lido o livro original ou, como Norberto ou Varnhagen, tido acesso apenas a elas graças a antologias como o *Parnaso Brasileiro*. Mas àquele grupo de obras associou-se o nome do poeta pernambucano, que, no período, registrou, com patriotismo incomum, a luta contra o invasor estrangeiro. Valorizando o brasileiro – e não o lusitano – nesse processo, Saldanha afirma perspectiva anticolonial, pouco frequente entre artistas das primeiras décadas do século XIX no país, ainda vinculado a Portugal.

“Epílogo”, que fecha os *Poemas*, endossa o posicionamento patriótico, ao manifestar o fervor nacionalista que pauta seus versos:

Pátria minha, e de heróis! Eis meus poemas
Vão buscar em teu seio acolho, abrigo;
No seio em que os cantei, bem que de balde
Roubar-nos pretendera, infame déspota.
(SALDANHA, 1822, p. 136)

Ao lado do civismo que encerra o livro, a manifestação em nome da liberdade – a crítica ao despotismo, similar à denúncia da tirania do invasor, combatida, na imagem proposta, pela espada de Vidal de Negreiros:

Prova, ó tirano,
Pernambucano
Valor preclaro;
Negreiros caro
Consegue o louro
De heróis tesouro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.
(SALDANHA, 1822, p. 50)

Se, nos poemas impressos em Portugal, logo, produzidos até 1822, Saldanha rejubila-se com os feitos de conterrâneos que venceram batalhas, em textos posteriores, como os da “Elegia oferecida aos seus amigos comprometidos na revolução de 1824”, identificam-se o lamento e a depressão, frutos da perseguição sofrida pelo escritor e seus parceiros após o fracasso da Confederação do Equador, cujo projeto republicano foi derrotado pelas forças imperiais. Os versos têm caráter de denúncia, contrapondo as qualidades dos revolucionários de 1824, exaltados, mais uma vez, por meio da comparação com heróis mitológicos, e as condições em que cada um destes se encontra atualmente.

Saldanha, nas estrofes iniciais, chama a atenção para o contraste:

Ninfas, que outrora, em dias venturosos,
Me ouvistes celebrar com voz sonora
Dos brasílios heróis feitos famosos:
[...], ouvi-me agora

Carpir magoados males que a desgraça
Alçou com mão tirana e mão traidora.
(SALDANHA, 1875, p. 113)

À constatação da mudança de fortuna e da inconstância da sorte segue-se o relato do destino dos protagonistas da revolução de 1824, concluindo o eu lírico:

Mísera sorte! Lamentáveis erros!
A flor da pátria, nossa mocidade,
Vive em cadeias, vive nos desterros!
(SALDANHA, 1875, p. 116)

Fecha o poema a manifestação solidária do poeta, ao presenciar “a pátria gemer atribulada” (SALDANHA, 1875, p. 116): “Amigos, que vivestes já comigo, / Recebei minha dor, meus ais, meu pranto”, esperando que o leitor compartilhe o sofrimento das vítimas e conserve a memória de seus feitos, no quarteto com que fecha a elegia:

E vós, que hoje escutais meu triste canto,
Tomai parte na dor que me consterna.
E o eco nos escute, e soe tanto,
Que inda a sua memória seja eterna.
(SALDANHA, 1875, p. 117)

Ao lado da perspectiva anticolonial dos poemas, exposta em estrofes que valorizam os feitos de brasileiros que lutaram contra o invasor ou adotaram princípios republicanos, manifesta-se o porta-voz da igualdade e, por extensão, dos direitos humanos. Em soneto publicado em 1822, escreve o poeta no primeiro quarteto, dirigindo-se ao soberano português:

Amado filho meu, que nessa idade
Empunhas ledo o cetro lusitano,
Conhece em mim que o mundo é vão engano;
Que nada é o cetro, é nada a Majestade.
(SALDANHA, 1822, p. 19)

Assumindo a posição de sábio conselheiro, o eu lírico centra o segundo quarteto no tema que o interessa – a igualdade entre os homens:

Da inexorável Parca a feridade
Não distingue pastor, nem Soberano;
Prostra co mesmo impulso desumano
Amor, constância, glória e Potestade.
(SALDANHA, 1822, p. 19)

A igualdade impede a soberba, pois, como propõe o primeiro terceto, todas as pessoas – “reis e vassallos, servos e senhores” – “servem de pasto a vermes roedores”, de modo que, ao rei, cabe apenas amar seu povo e regê-lo com ternura, porque “são vassallos, reis e imperadores / Iguais no berço, iguais na sepultura” (SALDANHA, 1822, p. 19).

Sentimentos semelhantes podem ser encontrados em trechos de outros poemas, principalmente no que tange à igualdade entre as pessoas na morte. Nestes excertos, estão bastante visíveis os ideais republicanos de Natividade Saldanha. A igualdade entre as pessoas aparece muitas vezes associada a monarcas que, na morte, equiparam-se aos súditos, como expressa a ode dedicada “Ao Ilustrissimo e Reverendisimo Senhor Francisco Moniz Tavares”:

Constante em suas leis, a Natureza
Nos faz iguais no brerço, e sepultura;
E só grandes ações podem lembrar-nos
Na memória dos homens.
(SALDANHA, 1822, p. 76)

A ode “Ao Senhor Manoel Carlos Veloso” reitera a noção de que é a morte que deixa evidente o princípio da igualdade entre os seres humanos:

Tudo o que existe morre;
Havemos todos nós na imunda Barca,
Na Barca de Caronte,
Sulcar o lago plácido, e limoso:
Todos nós igualmente

Havemos suportar o golpe duro
Do ensanguentado alfange.
O monarca no trono sublimado,
O Pastor na choupana,
Ao mesmo tempo o negro braço corta.
(SALDANHA, 1822, p. 105)

A oposição à monarquia é um tema importante não apenas nos poemas, mas também em outra das atividades literárias de Natividade Saldanha: o jornalismo. Sua participação na Confederação do Equador principiou com uma intensa atuação jornalística pautada principalmente no antagonismo à constituição outorgada por Pedro I em 1824. Saldanha critica a Constituição por não ter sido “escrita pelos representantes do povo, mas, em vez disso, redigida às pressas pelo rei e alguns dos seus conselheiros após a dissolução da Assembleia Constituinte brasileira em 1823.” (FARIAS, 2015, p. 54. Tradução nossa.).

A respeito do assunto, Natividade Saldanha proferiu um discurso marcante, recuperado por um de seus biógrafos e companheiro político, Joaquim Antônio de Mello. Em sua manifestação, Natividade Saldanha teria explicado “como, ao longo do tempo, tinha sido o rei quem perniciosamente promoveu o tipo de esquecimento que o ajudou a usurpar o direito histórico do povo.” (FARIAS, 2015, p. 54-55. Tradução nossa.). Tratando-se de uma citação, talvez o poeta pernambucano não tenha utilizado a expressão cara aos adeptos das declarações dos direitos dos cidadãos – ou o povo. Mas, no *Argos Pernambucano*, em edição promovida por Saldanha, identifica-se a expressão “direitos do povo”, associada aos conceitos de humanidade (*humano*) e justiça (*justo*) (ARGOS PERNAMBUCANO, 1824, p. 2). Como destaca Amy Caldwell de Farias, o jornalista “concluía cada edição do *Argos* com trechos traduzidos de *Dos direitos e deveres do cidadão*, de autoria do pensador francês Gabriel Bonnot de Mably.” (FARIAS, 2015, p. 55-56. Tradução nossa.).

Em prosa, Saldanha manteve sua ótica progressista, alinhando-se aos princípios que pautaram as declarações dos direitos humanos e os

movimentos revolucionários do final do século XVIII. Não abriu mão deles no exílio, como sugere o *Discurso teológico político sobre a tolerância*, de 1826, publicado em Caracas, que o opõe ao editor do panfleto *A Serpente de Moisés*, documento difamatório redigido pelo padre Francisco Margallo (CHACON, 1983, p. 32). Tolerância é conceito proclamado por pensadores iluministas como Voltaire, autor do *Tratado sobre a tolerância*, em que argumenta contra a condenação de Jean Calas em decorrência de preconceitos de ordem religiosa por parte dos juízes franceses (VOLTAIRE, 2015).

Nos versos escritos após a conclusão dos *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*, reunidos em livro de 1875, por José Augusto Ferreira da Costa, reitera-se o posicionamento libertário de Saldanha. No soneto XLIV, em que reconhece sofrer a ferocidade da reação de seus adversários, que, por um “golpe injusto”, o condenam à morte, proclama corajosamente que “não me acovarda teu decreto iroso” e que não mudará seu modo de pensar e agir:

Há de ser contra ti meu ódio eterno,
E hei de, enquanto viver, fazer-te guerra,
Na terra, e mar, e céu, e mesmo inferno.
(SALDANHA, 1875, p. 44)

Nas décimas, também recolhidas por José Augusto Ferreira da Costa, reaparece com intensidade o compromisso de Saldanha com a ideia de autonomia e espírito livre:

Não acho conformidade
Em arrastar vis cadeias,
Suprimir livres ideias,
Sem pátria, sem liberdade;
Ter a razão e vontade
Sujeito sempre ao mais forte
(SALDANHA, 1875, p. 149)

Não são raros os poetas nascidos no Brasil que encontraram nas ideias do Iluminismo francês motivo para a criação literária. Basílio da

Gama, em *O Uruguai*, deu o nome de Cacambo, personagem do *Candide*, de Voltaire, ao herói indígena nascido de sua imaginação. Em *Quitúbia*, louvou um general africano, ainda que motivado pelo desejo de agradar a rainha D. Maria, avessa aos princípios políticos e econômicos do Marquês de Pombal, protetor do intelectual brasileiro enquanto esteve no poder. Antônio de Sousa Caldas louvou, em uma ode admirada pelos românticos de Portugal e do Brasil, o “homem natural”, o indígena a quem atribui virtudes que o aproximam do ideal civilizatório de seu tempo.

Natividade Saldanha avança do ponto de vista filosófico e comportamental, se comparado aos pares. Embora menos favorecido pela sorte, já que, “filho de padre e mulato”, sofreu os preconceitos que vitimava os afrodescendentes, sobretudo os libertários após a revolução do Haiti, o poeta foi mais longe: comprometeu-se com a revolução em sua terra natal e, depois, na Grã-Colômbia, aderiu ao bolivarismo que contagiava o continente latino-americano. Não deixou de ser perseguido no lugar de acolhimento, o que outra vez o marginalizou, até a morte infausta e pouco esclarecida.

Obrigado ao exílio, não chegou a publicar os versos escritos nos anos finais de vida, tornando sua obra dependente dos poucos admiradores que deixou à época e nos anos subsequentes. Os historiadores da literatura dos anos iniciais da vida brasileira independente valorizaram suas odes, mas a opção pelo Arcadismo – que vigorava ainda com intensidade a seu tempo – motivou a marginalidade do artista e o último olvido. Mas João Cabral de Melo Neto não o esqueceu, obrigando os leitores de hoje a resgatá-lo do “enxurro de um esgoto” que levou o escritor e seus poemas.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA - PATRIOT AND EXILE, SPOKESMAN FOR
CITIZENS' RIGHTS

ABSTRACT

José da Natividade Saldanha (1796-1830), an Afro-Brazilian poet, took part in the revolutionary movements of 1817 and 1824 in Pernambuco. His political actions led him to exile, first in Europe, then, as a sympathizer of Simon Bolivar,

in Grã-Colômbia. His poems express an aversion to tyranny and value equality, as well as the nationalistic feeling of being far from one's homeland. His work is admired by artists such as João Cabral de Melo, but is not yet sufficiently recognized by the historiography of Brazilian literature.

KEYWORDS: Natividade Saldanha. Equality. Patriotism. Freedom.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA - PATRIOTA Y EXILIADO, PORTAVOZ DE LOS DERECHOS DE LOS CIUDADANOS

RESUMEN

José da Natividade Saldanha (1796-1830), poeta afrobrasileño, participó en los movimientos revolucionarios de 1817 y 1824 en Pernambuco. Sus acciones políticas le llevaron al exilio, primero en Europa y luego, como simpatizante de Simón Bolívar, en Grã-Colômbia. Sus poemas expresan la aversión a la tiranía y valoran la igualdad, así como el sentimiento nacionalista de los alejados de la patria. Su obra es admirada por artistas como João Cabral de Melo, pero aún no está suficientemente reconocida por la historiografía de la literatura brasileña.

PALABRAS CLAVE: Natividade Saldanha. Igualdad. Patriotismo. Libertad.

REFERÊNCIAS

ARGOS PERNAMBUCANO. Recife, Typ. Nacional, 1850-1852. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/argos-pernambucano/717517>. Acesso em: 7 ago. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=717517>. Acesso em: 7 ago. 2022.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro*, ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil tanto inéditas, como já impressas. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Nacional, 1829-1831. 3v.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1964. 2v.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1965.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1984.

CHACON, Vamireh. Natividade Saldanha: poeta e revolucionário. In: SALDANHA, Natividade. *Da Confederação do Equador à Grã-Colômbia*. Escritos políticos e Manifesto e Mundrucu. Análise e tradução por Vamireh Chacon. Brasília: Senado Federal, 1983. p. 11-44.

FARIAS, Amy Caldwell de. Activist in Exile. José da Natividade Saldanha, Free Man of Color in the Tropical Atlantic. In: RADCLIFFE, Kendahl; SCOTT, Jennifer; WERNER, Anja (ed.). *Anywhere but here*. Black Intellectuals in the Atlantic World and Beyond. Jackson: University Press of Mississippi, 2015. p. 47-64.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos*. Uma história. Trad. Rosaura Eichenberg São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MELO NETO, João Cabral. Poeta pernambucano. In: _____. A escola das facas. In: *Poesia completa*. Organização, estabelecimento de texto, prefácio e nota Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Breve história da literatura brasileira – I. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. Uma introdução história e biográfica sobre a literatura brasileira. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 151-181.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Notícias biográficas. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 328-342.

RANGEL, Alberto. José da Natividade Saldanha. In: _____. *Textos e pretextos*. Incidentes da crônica brasileira à luz de documentos conservados na Europa. Tours: Tipografia de Arrault & Compa, 1926. p. 36-58.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 2. ed. melhorada pelo Autor. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. 2v.

SALDANHA, José da Natividade. *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.

SALDANHA, José da Natividade. *Poesias de Natividade Saldanha*. Introdução, fixação do texto e notas por José Augusto Ferreira da Costa. Pernambuco: Tipografia Universal, 1875.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Bosquejo da história da poesia brasileira. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 100-142.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Introdução sobre a literatura nacional. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 195-207.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Seus fundamentos econômicos. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 229-267.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância*. Por ocasião da morte de Jean Calas. Trad. Augusto Joaquim. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

Submetido em 30 de maio de 2023

Aceito em 18 de julho de 2023

Publicado em 24 de setembro de 2023
